

A história que deu a origem a
NO FINAL, MORREM OS DOIS

ESTES SÃO O VALENTINO E O ORION.
UM DELES SERÁ...

O PRIMEIRO A MORRER NO FINAL

Autor Bestseller do New York Times

ADAM SILVERA





PARTE UM

Véspera do lançamento da Previsão-de-Morte

Todos querem saber como conseguimos prever a morte. Digam-me uma coisa. Antes de entrarem num avião, também pedem ao piloto que vos explique as leis da aerodinâmica, ou limitam-se a viajar até ao vosso destino? Incito-vos a não se preocuparem tanto com a forma como conseguimos prever as mortes, mas em vez disso a concentrarem-se na forma como vão viver a vossa vida. O vosso destino final pode estar mais próximo do que imaginam.

— Joaquin Rosa, criador da Previsão-de-Morte

30 de julho de 2010

ORION PAGAN

22h10

A Previsão-de-Morte pode ligar-me à meia-noite, mas não será a primeira vez que alguém me diz que vou morrer.

Nos últimos anos tenho andado a lutar pela minha vida porque sofro de uma condição cardíaca grave e vivo num estado de pavor constante de cair para o lado e ir desta para melhor se puxar demasiado por mim. Depois, vinda do nada, apareceu uma organização chamada Previsão-de-Morte que afirma que consegue prever quando — não apenas se — vamos morrer. Pareceu-me um pouco a premissa de um conto que eu teria escrito. A vida real nunca me oferece este tipo de vitórias. Mas a verdade é que as coisas se tornaram bastante reais e a uma velocidade estonteante quando o presidente dos Estados Unidos deu uma conferência de imprensa na qual apresentou o criador da Previsão-de-Morte e confirmou as suas capacidades para prever o nosso destino individual.

Naquela mesma noite, inscrevi-me na Previsão-de-Morte.

Agora estou aqui, à espera de não ser um dos primeiros a receber uma das chamadas inaugurais do Último Dia.

Se for, pelo menos sei que o meu tempo vai acabar, acho eu.

Até lá, vou aproveitar a vida ao máximo.

E vou começar por marcar presença num daqueles eventos a que só se vai uma vez na vida: o lançamento da Previsão-de-Morte.

A empresa está a organizar muitas festas um pouco por todo o país. Acho que querem animar as pessoas e deixá-las entusiasmas com este programa que vai mudar a vida e a morte conforme as conhecemos até agora. As festas já estão em marcha em muitos

sítios diferentes, no Pontão de Santa Mónica, na Califórnia, no Parque Millennium em Chicago, no Museu Nacional da Força Aérea dos Estados Unidos, no Ohio e na Sixth Street em Austin, para mencionar só alguns. Claro que eu vou à melhor festa de todas — a de Times Square, no coração de Nova Iorque, cidade onde se situa a sede da Previsão-de-Morte. Adoro a minha cidade, mas a mim jamais me apanhariam numa Passagem de Ano em Times Square — está sempre demasiado frio para fazer essas coisas. Mas numa noite quente de verão como esta não me importo nada de sair para presenciar uma cena tão histórica.

É impressionante o dinheiro que a Previsão-de-Morte deve estar a gastar em todo o país. Ou até apenas em Times Square. Aqueles ecrãs gigantes estão sempre a promover milhões de coisas ao mesmo tempo, desde bebidas gaseificadas a programas de televisão, passando por páginas web, mas não esta noite. Todos os ecrãs foram substituídos pela imagem de uma ampulheta digital preta com um fundo branco radiante. A ampulheta está quase cheia, assinalando a aproximação do Último Dia, à meia-noite. Mas a sensação é a de que não se trata de uma simples contagem decrescente. É quase como se o produto que a Previsão-de-Morte está a anunciar fosse o próprio tempo. O marketing deles está a resultar porque as pessoas fazem filas junto às cabinas de informações como se um novo *iPhone* estivesse em saldos; toda a gente quer falar com os representantes do apoio a cliente da Previsão-de-Morte.

— Imagina como será trabalhar na Previsão-de-Morte — digo.

A minha melhor amiga, Dalma, levanta os olhos do telemóvel.

— Seria incapaz.

— A sério. É como se cada chamada estivesse a salvar a vida de alguém, mas ao mesmo tempo, não. Como é que se consegue dormir à noite quando sabemos que todas as pessoas com quem falámos naquele dia estão mortas?

— Eu sei que tu andas sempre com a morte na cabeça, Orion, mas a sério, estás a dar cabo de mim.

— Bem, tecnicamente, eu ando com a morte no coração.

— Oh, por favor, detesto-te tanto. Vou arranjar trabalho na Previsão-de-Morte só para te poder ligar.

— Não vais nada, tu lá podias viver sem mim?

Não acrescento que a certa altura vai ter de o fazer. Ninguém está a contar que eu viva mais dezoito anos. Nem sequer a Dalma, mesmo que jamais o admita em voz alta e esteja sempre a falar de tudo o que vamos poder fazer juntos ao longo das nossas vidas. Tipo, se me sinto suficientemente determinado para perseguir o objetivo de publicar os meus minúsculos contos, ou o romance que adoraria escrever se acreditasse que viveria tempo suficiente para o acabar, ela começa a sonhar com a sessão de autógrafos deste meu primeiro livro. Ou eu, a incentivá-la a tomar conta do mundo da tecnologia. Ou ambos, quando fazemos troça das pessoas que vamos trazer para casa depois dos nossos encontros futuros, coisa que nos parece sempre inacreditável porque nenhum dos dois será corajoso o suficiente para falar com os rapazes que achamos engraçados e/ou interessantes. Se eu não tivesse este coração de merda, talvez conseguíssemos fazer isto tudo e mais ainda.

Tenho de viver o presente. Posso não conseguir chegar ao futuro, mas posso viver o agora.

Embora seja um pouco difícil tirar a morte da cabeça — sim, da cabeça, desta vez não é do coração — ao ver um tipo qualquer de 40 e tal anos passar por nós com um cartaz que diz a *Previsão-de-Morte Vai Acabar Com o Mundo*. Tipo, pronto, tudo bem, o homem não é fã da Previsão-de-Morte, mas afirmar que eles têm o poder de acabar com o mundo? Parece-me excessivo. Mas ele não é o único. Desde que a Previsão-de-Morte foi anunciada, no início do mês, estes arautos da desgraça não se calaram sobre os oceanos a ferver, as tempestades violentas, os desmoronamentos de terras e as cidades em chamas. Compreendo que os romances apocalípticos e distópicos estão muito na moda agora, mas as pessoas precisam de respirar um pouco e acalmar.

Viver com medo da morte não é viver e, ainda assim, montes de pessoas vivem constantemente com medo da morte.

Parece que o fim do mundo está a começar de verdade.

Nos últimos dias houve um número recorde de invasões a supermercados, porque as pessoas querem encher a despensa de enlatados, garrafões de água e pacotes de papel higiênico. Houve imensos atentados com um horror de vítimas porque, se o mundo estiver prestes a acabar, como dizem os tais arautos da desgraça, as penas de prisão perpétua não vão ser muito longas. Mas nada é tão assustador como as histórias daquelas pessoas que acabaram com a própria vida porque nos encaminhamos a toda a velocidade para um futuro onde existem demasiadas incógnitas.

Como pode a Previsão-de-Morte ter acesso a estas informações e não impedir os assassinatos, ou intervir nos suicídios? Mas, aparentemente, este tipo de ações nunca fez parte dos seus planos. A Previsão-de-Morte afirma que não consegue determinar a causa de morte das pessoas, apenas o seu Último Dia, e que o comunica para que estas se preparem. E, infelizmente, assim que o nome da pessoa aparece no misterioso sistema, o seu destino está gravado em pedra — e mais tarde na sua lápide.

A Previsão-de-Morte pode não ser onisciente, mas vai fazer maravilhas à minha ansiedade. Se não receber um telefonema do Último Dia, estou preparado para viver com mais arrojo, em vez de andar a questionar tudo, duas, três, quatro vezes, sempre que me apetece fazer qualquer coisa, mas tenho medo de irritar o meu coração e lhe provocar uma bela paragem. Também nunca mais vou ser apanhado de surpresa pela morte daqueles que amo. Tipo, tinha 9 anos quando os meus pais foram à cidade para uma reunião e acabaram mortos quando um avião se enfaixou na torre sul do World Trade Center. É óbvio que, naquela altura, os meus pais não contavam com os serviços da Previsão-de-Morte, mas desde então que me assombra a ideia de que eles devem ter tido um instante em que perceberam claramente que iam morrer.

Dou uma bofetada a estes pensamentos dilacerantes e derruboo-os com força.

A Previsão-de-Morte vai certificar-se de que nunca mais me será negada uma despedida.

Bem, a possibilidade de me despedir.

Sei que não tenho todo o tempo do mundo, sinto-o no meu coração.

Por isso, tenho de viver todas as minhas primeiras vezes — talvez até as últimas — enquanto posso.

VALENTINO PRINCE

22h22

A Previsão-de-Morte não me pode ligar porque não estou registado nos seus serviços. Não que me ligasse se estivesse, a minha vida ainda agora está a começar.

Quando muito, sinto que renasci hoje.

Os renascimentos parecem-me adequados para alguém que nasceu e foi criado em Phoenix, no Arizona. É chegada a hora de recomeçar a minha vida, nada mais nada menos do que em Nova Iorque. Sonho com esta cidade há tanto tempo que quando vi as siglas PHX – LGA impressas no meu cartão de embarque, fui-me abaixo e comecei a chorar. O bilhete só de ida significava que nunca mais precisaria de voltar a ver os meus pais. Que podia construir um novo lar com a minha irmã gémea.

Talvez fosse preferível não ter marcado o lugar à janela. Dei o meu melhor para manter a calma enquanto o avião se precipitava pela pista fora e levantava voo disparado em direção ao céu. Mas como se veio a revelar, o meu melhor é muito pouco. À medida que os edifícios, estradas e montanhas encolhiam vistos lá de cima, eu chorava no meio das nuvens. O meu colega de lugar pareceu-me indiscutivelmente crítico. Fez-me desejar ainda mais que a minha irmã estivesse sentada ao meu lado, como estava planejado, antes de lhe ter aparecido uma oportunidade de trabalho, mesmo no último instante. Felizmente, a Scarlett vai embarcar no primeiro voo noturno para se juntar a mim no nosso novo apartamento.

Cinco horas depois, quando Nova Iorque apareceu no meu campo de visão, tudo me começou a fazer sentido, apesar de nunca

ter posto um pé no meio de todos aqueles arranha-céus e parques. Depois de ter aterrado, puxei as minhas malas de rodas em direção à fila dos táxis, onde toda a gente esperava com um ar miserável; eu, por outro lado, estava super entusiasmado por estar finalmente dentro de um dos clássicos táxis amarelos que já tinha visto na televisão e como adereços nos anúncios das revistas. O taxista percebeu logo que era a minha primeira vez aqui, porque não parei de observar a azáfama das ruas. O primeiro pé que pousei no passeio foi como um momento saído de um filme; *onde estão os flashes das máquinas fotográficas?* Bem, mais tarde haveria tempo para isso.

A partir desta noite, deste instante, já posso dizer que sou nova-iorquino.

Ou talvez tenha de esperar que o meu senhorio me entregue finalmente as chaves do meu apartamento, para poder ter a certeza de que não fui burlado depois de encontrar este estúdio na *Craigslist*. Enquanto espero, penso neste meu pequeno canto no Upper East Side. Há uma pizzaria minúscula na porta ao lado, que está a tentar atrair-me com o aroma do pão de alho. Carros a buzinar chamam mais uma vez a minha atenção para a rua, onde alguém suficientemente velho para ser o meu avô está a gritar ao telemóvel, para se fazer ouvir por cima da música em altos berros que sai de um bar na esquina.

Esta cidade é barulhenta, e adoro-a.

Questiono-me se alguma vez sentirei saudades da pasmaceira do meu antigo bairro.

A porta abre-se atrás de mim e vejo um homem vestido unicamente com uma camisola de alças branca, calções de desporto e chinelos. Tem um bigode espesso, cabelo preto já a escassear e está a fitar-me com ar de poucos amigos.

— Vais entrar ou quê? — pergunta-me.

— Olá, sou o Valentino. O novo inquilino.

O homem aponta para as minhas malas.

— Pois, já percebi.

— Estou à espera do meu senhorio. — Ele assente, mas não se vai embora. É como se estivesse à espera de que eu entrasse. — É o Frankie? — Ele volta a assentir. — Muito prazer em conhecê-lo — digo.

O Frankie cumprimenta-me, relutante, com um aperto de mão.

— Vais entrar em casa ou não?

Já me tinham avisado que nem todos os habitantes de Nova Iorque são o cúmulo da simpatia, mas talvez o Frankie esteja apenas cansado, uma vez que já é bastante tarde. Pego nas malas e entro no edifício. A noite está morna, mas assim que entro percebo por que é que ele está vestido como se fosse só à porta buscar o jornal, no Arizona. Está tanto calor dentro do edifício que parece que entrámos diretamente para o forno da pizzaria da porta ao lado. O corredor é estreito, pintado de um tom de amarelo mostarda que até magoa os olhos, mas respeito a escolha. As caixas de correio em aço estão embutidas na parede, há uma série de encomendas no chão, à espera de serem recolhidas, e um caixote do lixo a transbordar de folhetos publicitários, incluindo panfletos da Previsão-de-Morte. Presumo que neste edifício não haja muita gente inscrita para receber chamadas do Último Dia. Eu também não estou, porque os meus pais são completamente céticos em relação a este assunto, mas essa paranoia é outra herança deles que tenho de abandonar.

O Frankie hesita enquanto vai a subir as escadas.

— Onde está a outra?

— A outra o quê?

— A tua gémea?

— Oh, só chega amanhã de manhã.

O Frankie continua a subir.

— Certifica-te de que se chegarem mais algumas caixas, as vais buscar rapidamente. Deu-me cabo das costas carregar as tuas entregas todas pelas escadas acima.

— Peço imensa desculpa. — Tive de enviar algumas coisas antes, como o meu colchão insuflável, algumas toalhas, tachos e panelas. Embora acredite que o grande culpado pelas dores de costas do Frankie tenham sido as cinco caixas de roupas, sapatos e acessórios, que são tão essenciais como certificar-me de que tenho um sítio onde dormir até o meu colchão de verdade chegar, na terça-feira. — O elevador está avariado?

— Está avariado desde que o meu pai geria o prédio — responde o Frankie.

Compreendo. Não tenho a certeza de quão legal é anunciar que o prédio tem elevador quando, na verdade, é meramente decorativo, mas vou tirar o melhor partido da situação. Os anos todos que passei no pequeno ginásio caseiro da minha família prepararam-me bem para esta vida. Levo as malas, sabendo que têm cerca de 22 quilos cada uma, já que tive de as pesar no aeroporto. O Frankie não se oferece para me ajudar, mas não faz mal. Quando chego ao terceiro andar, recorro-me de que o meu apartamento fica no sexto. O suor começa a acumular-se no fundo das minhas costas e tenho a certeza de que nos meus treinos futuros posso saltar os exercícios de pernas. Quando chego lá acima estou ofegante, mas — não, na verdade não há qualquer mas. Isto faz tudo parte da minha iniciação na cidade. Nada me faz sentir mais nova-iorquino do que dizer que vivo no sexto andar num prédio sem elevador no Upper East Side.

Não existe qualquer cerimónia enquanto sou conduzido até ao apartamento 6G. Não há saudação de boas-vindas ao edifício, nem cumprimentos pela minha primeira casa longe de casa. O Frankie limita-se a abrir a porta e sigo-o para dentro do apartamento, largando as malas no *hall* de entrada estreito. A casa de banho fica do meu lado esquerdo e apesar de saber que vou passar muitas horas por semana naquela divisão a levar a cabo a minha longa rotina de cuidados faciais, estou interessado em explorar o espaço onde vou viver na maior parte do tempo. Quando entro para o estúdio, as tábuas do soalho estalam sob os meus pés. As minhas caixas

estão empilhadas contra a parede do lado esquerdo, onde planeei pôr a cama. Há duas janelas viradas para a rua e uma terceira por cima do lava-loiça com vista para o apartamento de outro vizinho. Não há problema. Vou comprar umas cortinas ainda esta semana.

No entanto, o que é definitivamente um problema é o tamanho do apartamento. É minúsculo. A Scarlett e eu estamos a usar o dinheiro que os nossos pais reservaram para irmos para a universidade para perseguirmos os nossos sonhos — uma carreira como modelo e outra na área de fotografia — e temos esperanças de que dure tanto tempo quanto possível, daí a escolha de um estúdio.

— As fotografias que vi online faziam o apartamento parecer maior — digo.

— Fui eu quem as tirou — responde o Frankie.

— Eram muito bonitas. Tem a certeza de que carregou as fotos certas para o anúncio deste estúdio? Estávamos à espera de mais espaço.

O Frankie fita-me, inexpressivo.

— Tinhas a opção de visitar o apartamento antes de o alugar.

— Eu não vivo na cidade. Acabei de chegar.

— Isso já não é um problema meu. Tu e a tua irmã já partilharam o mesmo útero, hão de conseguir desenrascar-se.

Esperemos que este estúdio também possa expandir-se para acomodar as nossas necessidades, como fez o útero da nossa mãe.

Felizmente para o Frankie, não sou uma pessoa conflituosa. Não posso dizer o mesmo a respeito da Scarlett, mas essa é uma lição que ele vai aprender quando ela chegar. Por outro lado, e numa nota mais positiva, esta é apenas a minha primeira noite em Nova Iorque e já se avizinha uma disputa icónica com o meu senhorio. O aluguer tem a duração de um ano e de certeza que, quando este tempo acabar, vou ter imensas histórias para partilhar com os meus amigos acerca deste período da minha vida.

Ouve-se uma batida na porta e um rapazinho entra-me em casa. Sou péssimo a avaliar idades. Ele tem 5 anos e é extremamente

alto para a sua idade, ou tem 10 anos e é demasiado baixinho? Há algo de muito familiar nele, mas não consigo perceber bem o quê.

Vem vestido com um pijama e acena-me.

— És o nosso novo vizinho? — pergunta-me com um sorriso.

— Sou. Chamo-me Valentino.

— Eu sou o Paz.

— Tens um nome muito fixe, Paz.

— É diminutivo para Pazito, mas só a minha mãe me chama assim. Também gosto do teu nome.

São as boas-vindas mais calorosas que recebi esta noite.

Antes de conseguir agradecer-lhe, vejo que o Frankie está a fitar o Paz.

— O que é que estás a fazer fora da tua cama? — pergunta o senhorio.

— Estou com medo, por causa da Previsão-de-Morte.

O Frankie esfrega os olhos.

— A Previsão-de-Morte não é real. Vai dormir.

Os olhos do Paz enchem-se de lágrimas.

— Está bem, papá. — Arrasta os pés em direção à porta e olha por cima do ombro, como se esperasse que o pai mudasse de ideias. Mas não. Encaminha-se para o corredor sem dizer mais uma palavra.

Tenho uma vontade enorme de parar o Paz e de o confortar em relação à Previsão-de-Morte, mas desconfio que não seria de bom tom desautorizar o pai à sua frente. De certeza que terei outras oportunidades.

— É um bom miúdo — digo.

O Frankie não reage ao Paz novamente. Limita-se a pousar dois conjuntos de chaves em cima da bancada da cozinha.

— A chave grande é a do apartamento, a média é a da porta do prédio e a pequena a da caixa do correio. Vivo ao fundo do corredor, mas não me batam à porta antes das 9 horas nem depois das 17 horas.

— Entendido. Muito...

O Frankie vai-se embora e fecha a porta atrás de si.

— ... obrigado, Frankie — digo para ninguém em particular.

O estúdio não parece maior depois da saída do Frankie, mas felizmente já não está tão frio.

Olho para as horas — 22h31 — e quero fazer um *FaceTime* com a Scarlett. Em Nova Iorque são mais três horas do que no Arizona, por isso ligo para ainda a apanhar antes de ela sair para fotografar a grande festa de lançamento da Previsão-de-Morte em Phoenix. Aquele trabalho vai dar para pagar um mês de renda e ainda sobrá dinheiro para andarmos de comboio e alguns almoços modestos. Sento-me na bancada enquanto espero que ela atenda e vejo o Frankie através da janela. Claro que a minha janela da cozinha dá para a casa dele. O Frankie vai buscar uma cerveja ao frigorífico e espero que ele seja um bêbado dorminhoco, porque sóbrio já é insuportável que chegue.

A minha irmã atende a chamada e ver o rosto da Scarlett deixa-me logo mais animado.

— Val! — A Scarlett empoleira o telemóvel no lavatório da casa de banho enquanto se maquilha. — Já estás na nossa nova casa?

— Estou, pois.

— Deixa-me ver, deixa-me ver!

Viro a câmara para lhe mostrar o apartamento. Mas a visita guiada não demora muito.

— É de mim, ou...

— Não, não é de ti. É mais pequeno do que parecia no anúncio.

— E a renda, também diminuiu?

— O senhorio disse-me com toda a lata que havíamos de nos desenrascar, porque já tínhamos partilhado um útero.

— Se tivesse tempo para parar de aplicar o rímel e revirar os olhos, parava. Tenho de sair daqui a um minuto. Diz-me, por favor, que vais para Times Square.

Entre o trabalho de fotografia da Scarlett e a campanha gigantesca de modelo que consegui marcar para mim, os nossos

sonhos meteram-se no caminho e não podemos celebrar a chegada da Previsão-de-Morte juntos.

— Não sei, Scar. *O jet lag...*

A Scarlett imita o ruído de uma campainha rouca.

— Resposta errada. Perdeste três horas, mas não estás cansado. Tenta novamente.

— Devia descansar para a sessão fotográfica de amanhã.

— Vais estar demasiado excitado para adormecer, Val. Por isso, em vez de ficares às voltas no teu colchão insuflável barato, vai testemunhar em primeira mão aquele que será ou um evento histórico, ou a maior partida de mau gosto que alguém já pregou neste país.

— Adoraria ver a cara dos pais se a Previsão-de-Morte se revelasse real.

— Eu também, mas não vou ficar por aqui para os fotografar.

— Vens da festa diretamente para cá?

— Podes crer que sim. Principalmente depois da forma como te trataram hoje.

Ainda estou um pouco em choque. É um ardor semelhante ao que sinto quando caio ao correr e esfolo os cotovelos e os joelhos.

— Agradeço a solidariedade.

— Eu seria uma gémea, e um ser humano, horrível se não ficasse do teu lado. Mas não vamos dar-lhes o poder de pensar neles nesta noite, nem nunca mais. Num futuro muito próximo, a mãe e o pai não vão poder ignorar-te, porque o teu rosto vai aparecer em todo o país, incluindo nas revistas que eles assinam.

— Aposto que cancelam logo as assinaturas.

— O que quer dizer que ganhaste. Agora, vai para Times Square antes de a tomares de assalto também.

Inspiro profundamente e sei que ela tem razão.

— Quem me dera que estivesses aqui comigo.

— Também eu, mas o dinheiro que ganhar esta noite vai comprar-nos bilhetes para as filas da frente no nosso primeiro espetáculo na Broadway.

- Não queres dizer um mês de renda?
- Precisamos de viver um pouco também.
- Isso soa-me mais a viver muito.
- Dizes isso como se fosse uma coisa má, Val.
- Boa observação.

Saí de casa porque, desde que me assumi, viver com os meus pais tem sido verdadeiramente sufocante. Eles fizeram-me sentir como um desconhecido na minha própria casa. Pensei que o momento fosse diferente enquanto arrastava as malas pela sala de estar. Mas eles não disseram nada, nem mesmo quando a Scarlett lhes disse que era a sua última oportunidade antes de sairmos para o aeroporto. Os meus pais ficaram calados, como se só tivessem uma filha. Fitei o crucifixo pendurado na nossa porta da frente e rezei para que caísse quando eu batesse com a porta e deixasse aquela vida para trás.

A liberdade devia ser libertadora, mas isso não implica que não nos parta o coração.

Mas agora vou encontrar o meu próprio caminho.

— Mantém-me informado acerca da tua festa — digo à minha irmã.

A Scarlett agarra no casaco e desliga a luz.

— Por falar nisso, já devia ter saído há cinco minutos. Adoro-te.

— Adoro-te igual — digo esta nossa frase, que resulta porque somos gémeos. — Conduz com cuidado.

— Conduzo sempre!

É verdade que conduzo sempre de forma cuidadosa, mas o mesmo não se pode dizer das outras pessoas.

Em maio, ela quase foi morta por um condutor imprudente. Fui obrigado a imaginar este mundo aberrante sem o seu brilho, algo que nunca tinha sentido desde que nasci, dois minutos antes dela. Nunca mais vou existir sem a minha irmã. Até esta noite me parece estranha, por ela não estar em Nova Iorque, mas sinto-me reconfortado por saber que está viva e bem em Phoenix. Desde

que ela esteja viva e a respirar do outro lado da galáxia, não me importo se vivermos em planetas diferentes.

A vida da minha irmã foi salva por uma cirurgia, embora os meus pais digam que foi tudo obra de Deus. Na altura, agradei aos médicos e a Deus, mas ultimamente tenho-me debatido muito com as forças misteriosas. Isso inclui a Previsão-de-Morte, uma organização que espera que confiemos nela sem que nos tenha apresentado quaisquer provas concretas. Uma parte de mim deseja ser crente, mas a outra parte experienciou em primeira mão como a fé pode funcionar contra nós. Ao contrário dos meus pais, estou aberto a coisas que mudem a minha forma de pensar, para nunca mais ter medo de perder a minha irmã de um momento para o outro. Talvez daqui a uns dias todos saibamos mais.

Que Deus abençoe aqueles que...

Detenho-me, ainda a recalibrar tudo o que me inunda a cabeça e o coração.

Boa sorte a todos os que vão ser os sujeitos de teste da Previsão-de-Morte.

Quanto a mim, eu renasci e tenho muito para viver.

ORION

22h34

Mesmo que o mundo estivesse a acabar, isso não impediria as pessoas de venderem coisas.

Normalmente, as bancas de vendedores em Times Square são demasiado direcionadas aos turistas para me dar ao trabalho de olhar sequer para elas; não tenho uso para ímanes do Empire State Building, nem para porta-chaves com minúsculos táxis amarelos com o meu nome. (De qualquer maneira, ninguém se dedica a fabricar coisas para os Orions deste mundo.) No entanto, apesar de só se ter passado um mês desde que a Previsão-de-Morte anunciou o seu programa, os vendedores de rua estão atualizados e as lembranças temáticas que agora vendem incluem: isqueiros com a inscrição «Se os Tens, Fuma-os», copos de *shots* com auto-colantes de caveiras; óculos de sol com um X vermelho pintado sobre as lentes e montes de roupas, como camisolas e gorros. Vi um gorro de lã giro e senti-me tentado a comprá-lo, mas já tenho o boné dos Yankees que pertenceu ao meu pai e uso-o sempre por cima dos caracóis quando ando na rua. Não trocava este boné por nada deste mundo. Pronto, sou capaz de estar a exagerar, porque trocava o boné por um coração saudável num piscar de olhos, mas percebem o que quero dizer.

— Isto nem sequer é inteligente — diz a Dalma, pegando numa t-shirt que diz: *A Previsão-de-Morte Está a Morrer Para te Ligar!*

É tão piroso que me apetece pegar-lhe fogo.

— Pois, não vou mesmo comprar essa.

Mas depois vejo uma que me chama a atenção. É branca e sobre o peito tem inscrito, em letra de imprensa: *Feliz Último Dia!*

Tem classe, mesmo que não acredite que um Último Dia possa ser feliz. O que há de tão extraordinário em morrer? Enfim, acho que sempre é mais inspiradora do que as outras frases, não posso negar. Se não for por mais nada, será uma boa recordação e algo para mostrar quando as pessoas inevitavelmente perguntarem: *Onde estavas quando a Previsão-de-Morte foi inaugurada?* Assim mais ou menos como fazem com: *Onde estavas no 11 de setembro?*

Espero que esta noite não aconteça nada traumático.

Não preciso de mais dor na minha vida.

Compro a t-shirt, visto-a por cima da minha camisa azul-marinho que fica super bem com as calças de ganga justas. Este visual também resulta.

— Vais levar alguma coisa? — pergunto à Dalma.

— Vou, uma dor de cabeça — responde ela, novamente ao telemóvel. — A minha mãe não para de me pedir atualizações.

A nossa família — que, na verdade, é a família da Dalma — foi visitar os pais do padrasto dela, o Floyd, a Dayton, no Ohio. Vão ficar lá uma semana e é a primeira vez que nos deixam sozinhos. A mãe dela, a Dayana, encara a sua responsabilidade enquanto minha tutora legal muito a sério, sobretudo para honrar a memória da minha mãe, que era a sua melhor amiga desde a infância.

— Ela só está a tentar manter-nos vivos — digo. — Pelo menos deixou-nos ficar aqui.

— Um minuto de silêncio pela Dahlia, por favor — diz a Dalma, fechando os olhos.

Temos pena da meia-irmã da Dalma e dos planos para as suas férias, uma vez que não teve escolha senão ir visitar os avós, que estão a ficar tão velhinhos que não me chocava se fossem as primeiras pessoas a quem a Previsão-de-Morte vai ligar. Os meus *abuelito* e *abuelita* estão em Porto Rico e sempre que os meus primeiros estão lá por casa para ligar o computador, falamos por *Skype*. Só nos vimos em carne e osso um par de vezes, mas eles adoram estas conversas via computador, porque tirando os olhos cor de

avelã que herdei da minha mãe, sou a cara chapada do meu pai. Nem sequer corrijo o *lito* ou a *lita* quando se enganam e me chamam Ernesto. É um nome que preenche os corações que estão despedaçados desde que os meus pais morreram.

A Dalma suspira profundamente, interrompendo o silêncio.

— Já me sinto muito melhor. *Gracias*.

— De- *fucking* -nada!

— Vamos mandar uma fotografia à mãe, para ela ver que estamos vivos.

A Dalma vira a câmara do seu novo *iPhone 4* para tirar uma *selfie*, debatendo-se para encontrar a luz certa no meio de todos os ecrãs luminosos da Broadway. Finalmente encontra o melhor ângulo e vejo a amпуlheta digital gigante ao fundo da imagem.

Juntamo-nos para a fotografia e sorrimos como se estivéssemos a adorar esta Véspera de Previsão-de-Morte. A seguir, a parte divertida é examinar a fotografia, ou seja, analisar obsessivamente cada detalhe que detesto em mim. A Dalma é linda, um dez, sem esforço, com os seus olhos castanhos, rímel prateado a condizer com o batom, a pele castanho-escura reluzente e o cabelo preto entrançando e apanhado no cimo da cabeça. A única vantagem que tenho sobre ela é a minha altura, meço mais de um metro e oitenta, mas de resto sou uma desgraça. Adoro os meus olhos cor de avelã, mas não percebo por que razão o olho esquerdo não é igual ao direito, parece que está sempre pronto para se fechar e dormir. Os caracóis castanhos que se escapam por baixo do boné juntam-se e ficam ainda mais fechados com o calor, o que não produz um resultado agradável. O meu nariz e rosto continuam vermelhos do escaldão que apanhei na semana passada quando fui descontrair para o terraço no telhado da nossa casa. Quando vejo como o meu lábio de baixo está gretado, pego no batom do cieiro. E não importa quantos elogios receba por dia em relação às minhas maçãs do rosto esculpadas, continuo a manter a minha de que pareço esquelético e à beira da morte, o que, presumo, nem é mentira.

— Odeias a fotografia — diz a Dalma. Não é uma pergunta.

— Pouco importa. De qualquer maneira, é só para nós — respondo.

— Se quiseres tiramos outra.

— Não é preciso.

Continuamos a caminhar e paramos, sei lá, dez segundos depois para ver um sorteio onde a Previsão-de-Morte está a oferecer subscrições gratuitas. Se a fila não fosse tão comprida, também me juntava a ela, porque este serviço não é nada barato. Uma mulher ganha um mês gratuito, que equivale a 275 dólares. Uma pessoa pode pagar uma quantia simbólica de 20 dólares por dia ou 3000 dólares por um ano inteiro. As minhas contas de saúde já são uma loucura, mas mesmo assim os meus tutores investiram na subscrição anual porque a condição cardíaca de que padeço não tira propriamente folgas. Deve ser agradável não ter de largar tanto dinheiro de uma vez e escolher o serviço só quando planeamos fazer alguma coisa mais aventureira, como salto de para-quedas ou descer rápidos em botes insufláveis. (Se descobrissem que estão prestes a morrer, o mais certo era saltarem de um avião ou meterem-se numa canoa para descer águas velozes.)

Infelizmente, a Previsão-de-Morte é só mais uma das coisas que o seguro de vida não cobre. O que presumo não faça a menor diferença quando se tem milhares e milhares de dólares a queimar os bolsos.

— Leste aquele artigo sobre as pessoas que querem ter acesso a uma inscrição platina? — pergunto à Dalma.

— Não. Quero saber o que é isso?

— Pergunta-me antes se queres esmurrar alguém?

— Não, nunca, mas explica lá.

— Então, uns palhaços quaisquer podres de ricos estão a fazer campanha para a Previsão-de-Morte criar uma subscrição platina em que eles teriam prioridade e seriam os primeiros a receber a chamada.

A Dalma para de andar de repente.

— É por causa dos ricos que nunca podemos ter nada de bom.

Entretanto, temos a Dayana e o Floyd a investir 15 mil dólares em inscrições anuais para a família inteira; não são gananciosos ao ponto de quererem controlar a rapidez dos avisos da Previsão-de-Morte, desde que estes cheguem antes de algum de nós morrer.

Paro de ver o sorteio depois de uma pessoa se ir embora desiludida porque só ganhou um dia gratuito. Devia estar à espera de mais, ou talvez não tenha dinheiro para uma subscrição mais prolongada. Há muita coisa neste mundo que gostava que fosse gratuita e agora vou acrescentar a Previsão-de-Morte à lista. São as vidas das pessoas que estão em jogo.

Continuamos a andar e paramos junto àqueles degraus vermelhos em vidro que instalaram em Times Square e lhe dão um ar de anfiteatro urbano onde as pessoas se podem sentar a descansar, enquanto a cidade se agita a toda a volta. Há muita gente ali reunida e vejo uma mulher em cima de um pequeno palco. Inicialmente penso que deve ser alguma representante da Previsão-de-Morte, a avaliar pela forma como explica as alterações que espera que o serviço traga à vida das pessoas. Vejo uma placa em forma de A, semelhante à que existe no exterior do barbeiro onde corto o cabelo, mas esta não nos incita a entrar e fazer um corte que nos deixe a gostar mais de nós. Esta placa diz: *Conte a Sua História com a Previsão-de-Morte*. A mulher não é uma representante. Está a contar por que motivo se inscreveu. Quando acaba de partilhar a sua experiência com anemia, a representante verdadeira da Previsão-de-Morte, que está atrás de uma mesa, leva a mão a uma taça de vidro e convida uma rapariga chamada Mercedes a subir ao palco e contar a sua história.

Durante anos, imaginei como seria fazer uma leitura numa livraria cheia de desconhecidos que queriam conhecer a minha história. Claro que também queria ter lá os meus amigos, mas estes seriam praticamente obrigados a aparecer. Há qualquer coisa de

mágico na ideia de que as minhas palavras têm o poder de chamar as pessoas para um sítio em particular. Não me parece que vá viver tempo suficiente para conseguir publicar um livro meu — um romance, contos, ou a autobiografia mais curta do mundo. Nada! Mas isso não quer dizer que hoje à noite não tenha oportunidade de contar a minha história a este público.

Dirijo-me à representante da Previsão-de-Morte, escrevo o meu nome num papel e deito-o para a taça de vidro.

Esta é uma daquelas primeiras coisas que pode também ser a última.

VALENTINO

23h09

O *Google Maps* quase se riu quando pesquisei o caminho mais rápido para Times Square.

Nova Iorque é conhecida pela sua conveniente rede de transportes públicos, mas na Véspera da Previsão-de-Morte instalou-se um caos absoluto. Sobretudo em Manhattan. Podia ter apanhado o 6 e mudado para um suburbano, mas a viagem prevista era de uma hora. Não encontrei autocarros que fossem para o centro, por isso achei que a minha melhor hipótese seria apanhar outro táxi. Comecei a caminhar na direção do centro e a chamar táxis como vira tantas vezes nos filmes, mas devia estar a fazer alguma coisa de errado, porque nenhum deles parava. Quando já ia a meio do caminho — mais ou menos como acontecera a meio das escadas do meu apartamento, sem elevador — aceitei que a única forma de chegar ao destino era apreciar a viagem.

É o que tenho estado a fazer e, não me interpretem mal, estou em pulgas para experimentar o metro, mas se tivesse feito a viagem pelos túneis, não teria acesso a esta vista toda. Desci a Fifth Avenue, passei pela entrada do Jardim Zoológico no Central Park, vi o famoso Hotel Plaza e o Rockefeller Center, que irei visitar sem falta em dezembro, para ver a gigantesca árvore de Natal. Tem sido verdadeiramente excitante vislumbrar tantos edifícios icónicos, mas também tem sido solitário. Estou ansioso por poder viver tudo isto com a Scarlett e todos os amigos novos que vamos fazer ao longo do tempo. Tenho a certeza de que, nessa altura, verei as coisas sob uma outra perspetiva.

A perspetiva é tudo. Quando estou a trabalhar como modelo, continuo a ser quem sou, mas a forma como a minha imagem

aparece depende de quem está do lado de lá da máquina fotográfica. Alguns fotógrafos encontram os meus ângulos mais fortes e lisonjeiros, outros não. As fotografias que prefiro acabam por depender também da minha perspetiva. Mas estas também se vão alterando com o tempo — anos, meses, semanas, dias, horas, às vezes até minutos. Ainda durante o dia de hoje — embora tecnicamente já fosse noite, porque saltei entre fusos horários — tive a certeza de que não podia haver nada mais belo do que estar num avião e ver Nova Iorque aparecer pela janela. Estava errado. Nada é mais bonito do que o meu primeiro vislumbre de Times Square.

No céu, tudo o que existe cá em baixo parece pertencer a um mundo de insetos.

Nas ruas, o inseto sou eu.

Os edifícios são gigantescos e dou por mim a inclinar a cabeça para trás como quando estou a posar, porque adoro a forma como a minha maçã de Adão sobressai quando alongo o pescoço, já de si comprido. Agora, recorro ao mesmo ângulo, não para ficar bonito, mas para apreciar a beleza que me rodeia.

Parei de tirar fotografias há alguns quarteirões, porque as fotos nos telemóveis não fazem justiça a esta cidade. A Scarlett vai chegar de manhã e podemos usar a sua máquina fotográfica de rolo para documentar as nossas novas vidas. Por enquanto, vou simplesmente estar presente.

O primeiro passo que se dá em Times Square é indiscutivelmente esmagador, porque há tanta vida a pulsar em cada recanto. Alguém tenta vender-me DVD piratas de filmes que ainda estão nos cinemas. As lojas e restaurantes estão tão apinhados uns sobre os outros, que nem consigo decidir por onde começar. Gravo um vídeo rápido da ampulheta da Previsão-de-Morte num dos ecrãs gigantescos para mostrar à Scarlett, embora o mais certo seja encontrarmos depois vídeos melhores no *YouTube*. Distraio-me com dois homens que estão aos empurrões, um deles a resmungar para o outro pagar o que lhe deve antes de começar o fim

do mundo no dia seguinte; é uma dessas pessoas. Não acredito que fugi a todos aqueles teóricos da conspiração da minha terra para vir cair mesmo ao lado de outro em Times Square, mas é essa a beleza desta cidade, não é? Nova Iorque é uma espécie de ligação entre toda a gente no mundo. Incluindo modelos fotográficos do Arizona que querem levar a sua vida para a fase seguinte, sonhando com o dia em que o seu rosto vai aparecer nestes cartazes enormes, para toda a gente ver.

Continuo a caminhar para o centro da Square — será assim que os nova-iorquinos lhe chamam? Tenho de aprender estas coisas rapidamente — e passo por alguém com um fato do Iron Man, que está a falar com alguém num fato do Elmo da Rua Sésamo, a cabeça enorme pousada no chão como se tivesse sido decapitada, enquanto a mulher dentro do fato fuma um cigarro. Já adoro esta cidade com todo o meu coração. Não resisto e tiro uma fotografia a isto também para mostrar à minha irmã, não se vá dar o caso de ser uma visão única.

Continuo a caminhar e deparo-me com um adolescente que está em cima de um palco. Inicialmente fico à espera de que cante uma canção para o microfone, mas em vez disso, está a falar com uma tristeza impressionante sobre os aneurismas cerebrais que ocorreram na sua família e o medo de também ele morrer de um. É mais pesado do que esperava numa festa que foi publicitada como uma celebração da vida, mas depois vejo uma placa que diz: *Conte a Sua História com a Previsão-de-Morte* e tudo faz sentido. Este palco é para as pessoas falarem de como este serviço vai mudar as suas vidas.

Mal não faz ouvir por que razão as pessoas estão dispostas a acreditar na *Previsão-de-Morte*.

Não há lugares disponíveis nestas bancadas de vidro vermelho, mas não me importo de encontrar um sítio para ficar de pé. Há um lugar ao lado de uma deslumbrante rapariga negra com um estilo incrível e de um rapaz branco super giro, cujos

caracóis estão a escapar por baixo do boné de basebol. O rapaz parece estar a ter dificuldade em controlar-se e limpa as lágrimas do rosto.

Deve ter um coração enorme.

É a noite de estreia
da Previsão-de-Morte.

Valentino não pensa na morte,
mas sim em começar uma nova vida.

Mas, quando a primeira ronda de
chamadas do Último Dia termina,
tudo muda. **Um deles recebe
a chamada... e o outro não.**

Orion esperou a vida toda para
lhe dizerem quando vai morrer.
Tem uma condição cardíaca grave
e foi um dos primeiros a inscrever-se
na Previsão-de-Morte.

Os seus caminhos cruzam-se na festa
de inauguração da Previsão-de-Morte.
A conexão entre os dois é inegável.

Num dia que só pode terminar
de uma forma, uma coisa é certa:
**eles querem estar juntos,
dê por onde der.**

**Toda a beleza, angústia e genialidade de Adam Silvera, numa história
que celebra o impacto profundo que temos nas vidas uns dos outros
e que prova, uma vez mais, que a vida deve ser vivida ao máximo!**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@boldreadspt

penguinlivros

ISBN 9789896235833



9 789896 235833 >